

**DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO NO CANDOMBLÉ:
DESIGUALDADE E TRABALHO VOLUNTÁRIO**

Sexual Division of Labor in Candomblé: Inequality and Voluntary Work

*División Sexual del Trabajo en el Candomblé:
Desigualdad y Trabajo Voluntario*

Maria Grazia Cribari Cardoso
Professora do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal Rural de Pernambuco
E-mail: mariagraziacardoso@gmail.com

Áltera, João Pessoa, Número 15, 2023, e01505, p. 1-19

ISSN 2447-9837



RESUMO:

Gênero e trabalho constituem uma área de estudos que contribui para a compreensão da divisão sexual da atividade laboral no Brasil. O objetivo da pesquisa foi analisar as funções das mulheres no candomblé em termos dos afazeres femininos. Os estudos sobre as religiões afro-brasileiras focalizam a mulher pela ótica da liderança, da posição hierárquica, pela matrifocalidade e pela valorização das grandes ialorixás. Poucos são os estudos que apresentam as cozinheiras de terreiros. Nossa pesquisa qualitativa usou as técnicas da entrevista e da observação nas festividades dos terreiros de Recife e Olinda. Tradicionalmente, as cozinheiras de terreiro trabalhavam como domésticas. Hoje, elas buscam instrução e uma formação profissional mais qualificada. Executam uma tripla jornada de trabalho, considerando que articulam afazeres domésticos, labor remunerado e trabalho no terreiro. Este último é trabalho doméstico voluntário, vivenciado como algo diferente da exploração econômica da faina doméstica remunerada e da imposição das tarefas para o lar.

PALAVRAS-CHAVE:

Divisão sexual do trabalho. Gênero. Cozinheira. Candomblé.

ABSTRACT:

Gender and work are an area of study that has contributed to the understanding of the sexual division of labor in Brazil. The objective of the research was to verify whether women's activities in Candomblé are subject to analysis in terms of female work. Studies on Afro-Brazilian religions focus on women's belonging to the community from the perspective of leadership, hierarchical position, matrifocality and the valorization and revaluation of the great ialorixás. Few are the studies that present the cooks of terreiros, such as a qualitative research using the technique of interview and observation in the festivities in the terreiros of Recife and Olinda. Traditionally, terreiro cooks worked as maids in family homes. Today, they are looking for more qualified education and professional training. We can speak of a triple workday considering that they articulate housework, paid work and work in the yard. The latter is voluntary housework. Experienced as something different from the economic exploitation of paid domestic work and the imposition of household chores for the home.

KEYWORDS:

Sexual Division of Labor. Gender. Cook. Candomblé.

RESUMEN:

Género y trabajo es un área de estudio que contribuye a la comprensión de la división sexual de la actividad laboral en Brasil. El objetivo de la investigación fue analizar las funciones de la mujer en el candomblé en términos de tareas femeninas. Los estudios sobre las religiones afrobrasileñas se centran en las mujeres desde la perspectiva del liderazgo, la posición jerárquica, la matrifocalidad y la apreciación de las grandes ialorixás. Hay pocos estudios que presenten cocineras. Investigación cualitativa utilizando la técnica de entrevista y observación en las fiestas de los terreiros de Recife y Olinda. Tradicionalmente, las cocineras trabajaban como empleadas domésticas. Hoy buscan instrucción y formación profesional más calificada. Realizan una triple jornada laboral, considerando que combinan labores domésticas, trabajo remunerado y trabajo en religión. Este último es el trabajo doméstico voluntario, vivido como algo diferente a la explotación económica de las tareas domésticas remuneradas y la imposición de las tareas del hogar.

PALABRAS CLAVE:

División Sexual del Trabajo. Género. Cocinera. Candomblé.



INTRODUÇÃO

Gênero e trabalho compõem uma área de estudos que tem contribuído para a compreensão da divisão sexual da atividade laboral. Esse conceito traz a discussão sobre gênero para o cerne das questões trabalhistas. O debate sobre gênero circunscrito ao âmbito do trabalho revela de que modo as relações de gênero organizam a totalidade das práticas sociais de uma sociedade. Para Hirata (2007) e Hirata e Ker-goat (2014), a concepção de divisão sexual do trabalho inclui, além da especialização das atividades, a assimetria e a subordinação nas relações de gênero. Não obstante a divisão sexual do trabalho ser uma construção cultural e, por isso, apresentar variedade na diferenciação das atividades em suas dimensões espaciais e temporais, a subordinação feminina perpassa as diferentes sociedades e culturas. Nessa linha de pensamento, a divisão sexual do trabalho organiza-se a partir de dois princípios: 1. o princípio da separação (tarefas de homens e mulheres são diferentes); 2. o princípio da hierarquia (a atividade masculina é mais valorizada que a feminina). Na atualidade, porém, nas sociedades complexas, surgiram novas configurações concretas da divisão sexual do trabalho. É um exemplo dessas transformações a clivagem entre mulheres cada vez mais escolarizadas, com carreiras profissionais e que externalizam suas atividades domésticas recorrendo a mulheres de baixa renda, migrantes e em situação precária (HIRATA, 2007; HIRATA; KERGOAT, 2014; KERGOAT, 2009, 2016).

O objetivo do artigo é, nesse sentido, apresentar a divisão sexual do trabalho feminino em um contexto cultural específico: as cozinhas de terreiros de religião afro-brasileira no Recife e em Olinda, relacionando-as com a condição do trabalho feminino no cenário local.

Embora a mulher no terreiro de religião afro-brasileira tenha sido bastante estudada, via de regra esta tem sido focalizada sob a ótica da liderança, da sexualidade, da posição hierárquica, da estrutura da família, da guardiã transmissora dos saberes, da cuidadora dos terreiros e da valorização e revalorização das grandes yalorixás. Se encontramos uma relação direta entre o orixá e a comida de santo, por outro lado, quase não há referência às mulheres responsáveis pela preparação das comidas religiosas. As cozinheiras de terreiros estiveram invisíveis nas primeiras pesquisas sobre religião afro-brasileira. De forma geral, elas aparecem posteriormente de forma alusiva em trabalhos etnográficos que descrevem a hierarquia do terreiro e a atuação e função das cozinheiras nele. Muito se tem escrito sobre o prestígio das mulheres no candomblé, mas há poucas análises sobre o trabalho das mulheres responsáveis pela organização primária dos terreiros e o papel que elas exercem na preparação das comidas sagradas (CAMPOS, 1994; VERGER, 1986; COSTA, 2009; MENEZES, 2005; SILVA; CAMPOS, 2010, BASTIDE, 2001; RODRIGUES, 1935; RAMOS, 1946; PAULA, 2017;



QUERINO, 1957; FREYRE, 2003; VIANNA, 1973; CARNEIRO, 2008).

Por outro lado, temos muitos estudos sobre o trabalho das mulheres negras escravizadas, seja enquanto vendedoras ambulantes no Brasil antigo, seja posteriormente no emprego doméstico nas casas de famílias abastadas. Na atualidade, o trabalho doméstico remunerado tem um gênero, uma cor e uma classe social no Brasil, porque são predominantemente as mulheres negras de baixa renda que o exercem. A atividade doméstica remunerada ainda é uma das principais ocupações das mulheres negras, mesmo após décadas do fim da escravidão. Profissão secular, está associada a formas inferiorizadas de trabalho, com pouca valorização social, baixa remuneração e proteção social (SILVA, 2011; DIAS, 1985; FIGUEREDO, 1985; MELO; CONSIDERA, 2013; MELO; THOMÉ, 2018).

A participação da mulher negra no mercado de trabalho incorpora as desigualdades de gênero, classe e raça presentes na sociedade brasileira. Se, por um lado, esse trabalho representa uma das principais fontes de renda das mulheres negras, por outro, é fonte de desigualdades sociais, já que a ele se associam as mulheres negras, pobres e com pouca escolaridade. O aumento na escolaridade feminina possibilita às mulheres o acesso a ocupações de melhor remuneração ou mesmo a profissões de nível superior. Porém, segundo as *Estatísticas de gênero* (IBGE, 2014, p. 106), na região Nordeste, “a proporção de mulheres sem instrução e fundamental incompleto é 28,7% maior em comparação ao Sudeste e 34,6% superior entre mulheres de cor ou raça preta ou parda versus mulheres brancas”. As maiores escolarização e profissionalização não foram iguais para todas as mulheres, considerando que as mulheres negras continuam em ocupações de baixa qualificação e baixo salário, como o emprego doméstico remunerado, ainda central em suas vidas (SILVA, 2013; NOGUEIRA; JACINO, 2013).

No que diz respeito à situação do trabalho feminino e sua formalização, em termos regionais, as desigualdades se refletem no mercado laboral da região. Nas capitais do Nordeste, as mulheres em trabalhos formalizados apresentam as menores proporções. De acordo com as *Estatísticas de gênero*,

[...] entre grupos de mulheres observamos desigualdades que promovem a inserção diferenciada de acordo com a raça/cor enquanto as mulheres brancas são maioria entre as trabalhadoras com carteira de trabalho assinada, as mulheres pretas ou pardas compõem a maior proporção de trabalhadoras domésticas. Tal desigualdade de distribuição se traduz em maiores níveis de vulnerabilidade para estas últimas, pois as mesmas não têm disponíveis, na maioria dos casos, os benefícios auferidos pelos trabalhadores vinculados ao mercado formal de trabalho (IBGE, 2014, p. 113).

No que diz respeito aos afazeres domésticos, as desigualdades se desdobram em termos regionais e no interior das categorias de gênero. Segundo o informativo



da Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios Contínua (IBGE, 2020, p. 2) – apesar de “dentre as Grandes Regiões, a Região Nordeste apresentar as menores taxas de realização para o total (80,3%)” –, enquanto a taxa de realização dos afazeres domésticos para os homens é de 69,2%, para as mulheres é de 90,2% no Nordeste.

A desigualdade também se amplia na sociedade quando se conjuga a questão de raça. Segundo o Ipea (2011) e Xavier e Werneck (2013, p. 271), há uma sobrecarga adicional de horas de trabalho para diferentes classes sociais e raciais. As desigualdades de gênero, raça e classe acentuam a diferença para as mulheres negras. Segundo estudos, os trabalhos domésticos não remunerados eram exercidos por 91% das mulheres negras ocupadas que utilizavam 22 horas semanais em 2009. De acordo com a PNAD contínua (IBGE, 2020, p. 2), a maior taxa de realização de afazeres domésticos ocorreu entre as mulheres pretas (94,1%).

Os trabalhos remunerados e não remunerados da mulher negra no Brasil conjugam as relações de classe, gênero e raça de maneira integrada. Eles revelam a interseccionalidade¹ na qual se encontram essas tarefas, a exploração e a discriminação, evidenciadas quando de sua incorporação ao mercado de trabalho e nas estratégias de coadunação das duas atividades. Se, por um lado, mulheres de maior poder aquisitivo transferem os afazeres domésticos para outras mulheres que estão na interseção, aprofundando as hierarquias sociais em sentido contrário, as mulheres negras desenvolveram estratégias de resistência que subvertem a dinâmica das posições sociais atualizadas no tempo e no espaço por configurações próprias, que fazem do seu trabalho um lócus de valorização e do trabalho coletivo. É este o caso do candomblé.

As cozinheiras nas religiões afro-brasileiras são as guardiãs do conhecimento culinário, considerando que a comida é central na religião de santo. A trajetória delas desde a década de 1930 nos terreiros de Recife e Olinda modificou-se com o tempo. Mulheres que cozinham nos terreiros sempre existiram nos Xangôs² do Recife. No entanto, a partir da década de 1990, houve uma migração de outras “nações”, a exemplo da keto, jeje, etc., provenientes de São Paulo, Rio de Janeiro e Bahia, para o Recife, e essas nações têm uma hierarquia mais complexa e uma nomenclatura mais rica. A partir daí, o Xangô do Recife passou aos poucos a ser chamado de candomblé (também devido aos movimentos políticos negros entrando nos terreiros), e o povo começou a dar nomes yorubanos a papéis que antes já existiam nos terreiros, mas que não tinham essa nomenclatura específica. Temos, com essa contribuição, yabás, yapetebis, yalaxés, yabassês, etc.

1 O conceito de interseccionalidade se refere à conjugação integrada das relações de sexo, de raça e de classe que estruturam a experiência da mulher negra na sociedade. “Quando diversas formas de discriminação se combinam e afetam as vidas de determinadas pessoas” (CRENSHAW, [2012?], p. 11).

2 Denominação utilizada em Pernambuco para designar os terreiros de origem africana.



No candomblé, a depender da tradição, essas mulheres ocupam um lugar de prestígio na organização social ou são apenas filhas de santo que executam a tarefa de cuidar da cozinha, sob a supervisão da mãe ou do pai de santo. *Candomblés da Bahia*, de Edison Carneiro (2008, p. 117-118), faz referência às iabassês quando trata da divisão do poder espiritual nos candomblés e afirma que “se a iabassê não cozinhar os alimentos como deve [...] então todo o esforço será em vão”.

Em princípio, são as mulheres que executam essas tarefas e elas são escolhidas entre as filhas de santo mais velhas, porém não há uma regra fixa³. O conhecimento rico e diversificado que possuem sobre o repertório das comidas de santo, acrescido dos tabus em relação ao sangue menstrual das mulheres, segundo os adeptos da religião, jogam um papel importante nessa escolha. No candomblé, são as mulheres as responsáveis pelo trato da comida. No entanto, é possível encontrar homens exercendo a mesma função tão bem quanto as próprias mulheres (BASTIDE, 2001).

Efetivamente, é possível falar de divisão sexual do trabalho, ou seja, de uma divisão do trabalho social, resultado das relações sociais entre os sexos em terreiros de afro-brasileiro? Os princípios de separação e hierarquização entre os trabalhos masculinos e femininos estão presentes nesse contexto cultural específico? Podemos considerar trabalho as atividades exercidas nas cozinhas de terreiro? Se for trabalho, de que trabalho estamos tratando?

Essas são as questões iniciais que motivaram a pesquisa. Propomo-nos então dar algumas pistas que permitam entender o papel da cultura afro-brasileira na modelagem da divisão sexual do trabalho.

METODOLOGIA

A metodologia qualitativa orientou a pesquisa de campo. A investigação e os dados produzidos consistiram em descrições e análises das atividades e das crenças, pela perspectiva dos membros do grupo ou da cultura, com o objetivo de compreender o grupo estudado em seus próprios termos (GOLDEMBERG, 1999). Na primeira etapa, fizemos uma revisão e atualização da literatura disponível, aprofundando as dimensões teóricas da reflexão sobre o trabalho feminino, identificando e localizando obras sobre a presença negra no Brasil, desde as dos pioneiros até as produções contemporâneas. O segundo passo foi o levantamento de campo, quando realizamos entrevistas com cozinheiras de terreiro. Estas foram selecionadas numa rede de relações de um infor-

3 Entre as pesquisadas, a faixa etária variou de 30 a 70 anos. Tivemos dois extremos com cinco pessoas nas faixas entre 30 e 40 anos e cinco com mais de quarenta anos. O que indica que há presença de diferentes gerações.



mante e de uma pesquisadora⁴. Visitamos tanto terreiros *ribeirinhos*, ou seja, terreiros emergentes, com menos capital simbólico e que não são consagrados como os terreiros mais “tradicionais” da cidade, como também dois dos mais conceituados.

Inicialmente, a técnica utilizada foi a entrevista. Realizamos um total de dez entrevistas, com nove cozinheiras e um cozinheiro, em sete terreiros diferentes. A observação participante foi também utilizada como técnica de pesquisa. Percebemos que a coleta de informações não poderia se restringir apenas a perguntas e respostas, sendo o mergulho no terreiro essencial para ouvir, ver, escutar; enfim, usar todos os sentidos na relação direta com as pessoas, a fim de entender a lógica de suas experiências de trabalho no local (OLIVEIRA, 2010). Por fim, na análise dos dados das entrevistas e da observação participante, usamos o método de interpretação de sentido com a construção de categorias utilizadas pelos entrevistados, buscando os conteúdos dos textos nos seus contextos, revelando as relações existentes e os seus significados quando cotejados com a teoria sobre o trabalho.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O trabalho é uma discussão essencial da condição humana. Ele também é importante para o entendimento das relações de gênero. O labor humano no sentido amplo envolve todas as atividades humanas materiais voltadas para a manutenção da sobrevivência. A divisão social do trabalho suscitou muitas discussões e classificações da atividade humana. Dentre elas, está a classificação em manual e intelectual, compreendendo esferas distintas. Por sua vez, o trabalho foi separado e estudado em duas esferas: produção e reprodução. Em torno dessas esferas desenvolveram-se muitos estudos sobre a inserção da mulher nesse universo, que, creio, iluminaram o debate com novos aportes e contribuições, sendo um deles a visibilidade da faina doméstica, discutido também como trabalho produtivo e não apenas reprodutivo. O foco do conceito de trabalho foi redefinido, de produtor de bens para a produção da vida (KERGOAT, 2016; MELO; CONSIDERA, 2013; MELO; THOMÉ, 2018).

No Brasil, a culinária afro-brasileira foi transmitida para as casas de família pelas cozinheiras de terreiro. Supõe-se que a popularização dessa culinária se deva às mulheres negras escravizadas e, posteriormente, às empregadas domésticas nas casas de classes média e alta. Tal transmissão foi perpetuada inicialmente pela tradição

4 Agradeço à doutora Zuleica Dantas Pereira, professora da UNICAP, pela orientação geral do universo das religiões afro-brasileiras em Pernambuco e por me confiar sua rede de relações em Recife e Olinda. Da mesma forma, agradeço a Tiago Nagô, advogado e militante negro, por confiar em minha pessoa e me colocar em contato com os sacerdotes, sacerdotisas e cozinheiras de Olinda. Agradeço principalmente aos pais e às mães de santo e cozinheiras(os) de terreiro que nos ajudaram na pesquisa.



oral, mas gradativamente foram surgindo memórias escritas (QUERINO, 1957; FREGONEZE; COSTA; SOUZA, 2015; SOUZA; CARDOSO, 2011).

Numa visão suave do ofício das cozinheiras em Pernambuco no século XIX, Freyre (2003) afirma que elas ocupavam um status mais elevado entre os serviçais, de maneira que, em alguns casos, proporcionavam-se a quem cozinhava certas vantagens como a liberdade, no caso dos escravos, ou até mesmo direitos a verbas nos testamentos dos patrões ou donos – embora esses casos fossem uma minoria.

Silva (2011) alerta que não é seguro pensar que todos os escravos desfrutavam de proteção e segurança por parte de seus proprietários. Estudando a vida das trabalhadoras domésticas e vendedoras no Recife, o autor revela o péssimo estado das cozinhas dos sobrados da cidade do Recife no século XIX. A respeito de certo médico preocupado com a higienização da cidade, o estudioso diz que

[...] de um lado, o médico generalizou o péssimo estado das cozinhas. De outro, referiu-se àquelas ainda piores situadas no centro das habitações, e que concentravam ainda mais fumaça pela menor circulação de ar no interior da casa. É neste ambiente doentio e sujo que as cozinheiras trabalhavam (SILVA, 2011, p. 87.).

Não raro elas sofriam com a tuberculose. Era comum à época a associação entre cozinha e sujeira. Ademais, as cozinheiras não eram contratadas para exercer unicamente esse ofício. Os anúncios de contratação, estudados pelo autor acima, revelam que a atividade de cozinhar estava associada a outros trabalhos domésticos, como “engomar, lavar, costurar, comprar” (SILVA, 2011, p. 242).

Além das péssimas condições de trabalho oferecidas, os senhores e as senhoras nutriam uma perspectiva que não dizia respeito apenas às qualidades dos serviços prestados.

A principal expectativa dos contratantes de criadas era que estas fossem honestas, o que implicava um comportamento sexual e uma conduta moral irrepreensíveis. [...] Normalmente, na busca de criadas honestas, os anunciantes acrescentavam que elas deveriam ser de meia idade, ou de ‘maior idade’, pois supunham que estas mulheres cuja vida sexual e reprodutiva já havia cessado não trariam problema com ‘seduções’, namoros ou casos de gravidez (SILVA, 2011, p. 210).

As “cozinhas eram insalubres, mas se exigiam das criadas que ‘fossem limpas e asseadas’”. Além das competências do ofício, “os contratos das cozinheiras pautavam-se por observações ligadas ao comportamento” (SILVA, 2011, p. 245).

As atividades realizadas pelas mulheres escravizadas, em especial no seu papel de cozinheira, foram distribuídas nas ruas e nas cozinhas das famílias brasileiras. Esse trabalho foi fonte importante de independência e mobilidade social das mulheres negras, sendo através desse comércio que elas puderam garantir a liberdade e uma vida digna para



si mesmas (QUERINO, 1957; VIANNA, 1973; VERGER, 1986; FREYRE, 2003; SILVA, 2011).

Atualmente, o trabalho doméstico remunerado ainda é uma das principais ocupações das mulheres negras, mesmo após décadas do fim da escravidão. Profissão secular das mulheres negras, ele está associado a formas inferiorizadas de trabalho, com pouca valorização social, remuneração e parca proteção social. A participação da mulher negra no mercado de trabalho incorpora as desigualdades de gênero, classe e raça presentes na sociedade brasileira. Se, por um lado, esse trabalho representa uma das principais fontes de renda das mulheres negras, por outro lado, é fonte de desigualdades sociais, considerando-se que nele estão as mulheres negras, pobres e com pouca escolaridade (XAVIER; WERNECK, 2013; NOGUEIRA; JACINO, 2013; SILVA, 2013; IPEA, 2011; MELO; THOMÉ, 2018).

Podemos perceber uma mudança em referência às atividades remuneradas das mulheres de terreiro. Querino (1957), Freyre (2003) e Vianna (1973) apontam como trabalhos remunerados dessas mulheres o emprego doméstico ou o de vendedoras de rua. Nesse sentido, encontramos hoje maior diversificação das atividades. No que diz respeito ao trabalho, três de nossas(os) interlocutoras(es) são cozinheiras(os) (que trabalham por conta própria ou em restaurantes), há uma comerciante, duas administradoras/contadoras, uma professora com doutorado em Química, uma empregada doméstica e uma chef de cozinha. Duas alegaram ser donas de casa.⁵ Entre as entrevistadas, houve um aumento na escolaridade, o que possibilita o acesso a ocupações de melhor remuneração ou mesmo em profissões de nível superior. No entanto, supomos que a maior escolarização e profissionalização não foram iguais para todas as mulheres de terreiro, que continuam em ocupações de baixa qualificação e baixo salário, como o emprego doméstico remunerado, que continua sendo central na vida das mulheres negras (XAVIER; WERNECK, 2013; NOGUEIRA; JACINO, 2013; SILVA, 2013; IPEA, 2011).

No início de suas trajetórias na religião, nota-se de diferentes maneiras a forma como se tornaram cozinheiras de terreiro. Todas são escolhidas pelo santo para exercer a função. Porém, encontramos aquelas que são de família de orientação e de família de sagrada; outras tornaram-se cozinheiras embora a família de orientação não tenha vínculo com a religião⁶. A esse respeito, Amélia⁷ é um exemplo. Apesar de não ter nenhum familiar pertencente a religiões de matriz africana, já se considerava

5 Em um dos terreiros visitados, conhecemos uma advogada cozinheira do terreiro, que não nos concedeu entrevista.

6 A expressão família de sagrada (ou de santo) é utilizada no sentido “da família cuja estrutura se baseia no processo iniciático, ou no parentesco sagrado, que tem como ponto de referência o orixá. Ou seja, o indivíduo, através de sua relação com o santo, torna-se um membro da rede de parentesco religiosa da comunidade. [...] entendo como família profana (família de orientação/procriação) todo grupo de indivíduos ligados por parentesco consanguíneo e/ou afim” (CAMPOS, 1994, p. 22).

7 Todos os nomes das cozinheiras são fictícios.



pertencente desde “a barriga da mãe”; e, por sofrer abusos dos familiares no interior, por causa de sua mediunidade, mudou-se para Recife e passou a trabalhar na casa de um pai de santo, assumindo assim de fato a prática religiosa.

Para Marta, por outro lado, o aprendizado de cozinheira de santo se deu na própria família. Ela nos fala:

O que me encanta, assim, é o ofício de cozinhar. Independentemente de ser de terreiro ou não. De terreiro tem toda aquela magia, o cheiro né, o dendê, a pimenta, o coco, tem aquela fartura, muita coisa na mesa, né. A mesa cheia de coisas, né. Mas o ofício de cozinhar, né. A minha vó costumava, sabe, era um ritual, mas era um ritual lindíssimo. Eu achava aquilo maravilhoso. Quando ela fazia o feijão e aquele primeiro caldo ela tirava e botava num pratinho. Pegava um pouco de farinha, botava em outro prato. Vinha com o caldo bem quente, uma água bem quente. Botava ali, naquela farinha. Com a mão, com as duas mãos ali ela tava ficando um pouco de cheiro verde, um pouco de cebolinha ralada, uma colherinha daquela manteiga da boa, “Aviação”. Naquela época, vixe, quem tinha aquela manteiga dentro de casa era praticamente rico. E isso ela fazia, ela comprava uma manteiga daquela quando ia receber dinheiro no final do mês. Então, ela fazia aquela farofinha bolão. Com aquela farofinha ela molhava ali naquele caldo e botava na boca, e isso convidava alguns netos pra provar também daquilo das mãos dela. Então esses rituais, essas histórias de cozinha, eu também gostava, eu gosto do ofício [...] (Marta, em entrevista para a pesquisa, 2018).

Semelhantemente à entrevistada acima citada, Maria nasceu dentro da religião e aprendeu toda a arte da cozinha de santo por meio de sua avó, que também era a “iabá”. A aprendizagem faz-se, via de regra, em casa ou no terreiro, pela observação direta. As crianças aprendem as técnicas de cuidado da casa com as mães/avós ou outras mulheres que as substituam. Os adultos, no terreiro, através da observação e dos ensinamentos de outras cozinheiras(os) mais experientes.

Eu aprendi só vendo mesmo. A primeira obrigação que eu fiz foi pro meu padrinho. Ele tinha recolhido e não tinha ninguém para cozinhar para ele, aí eu fui fazer. (Ronaldo, em entrevista para a pesquisa, 2018).

É que ela chega, é ela que diz: ‘olhe, é o quiabo pra Xangô vai ser cortado de tal forma’. Por mais que eu corte quadrado, se ela disser que é redondo, eu tenho por obrigação cortar redondo, porque o orixá só aceita redondo (Paula, aprendiz, em entrevista para a pesquisa, 2018).

Rapaz, eu acho que ninguém me ensinou não, eu via a mãe de santo fazendo, aprendi na tora! Porque eu entrei aqui, eu era marinheira de primeira viagem e só fazia muito mal depenar as galinhas. As mães de santo abriam, temperavam, a gente só fazia depenar e cortar as cebolas, aí eu ficava só curiosa olhando como que se fazia [...] eu via como ela abria, via como tirava que era tudo na junta dos bichos pra ser tudo ali certinho, pescoço, limpava tudinho, pra botar os temperos, só cebola, azeite, pimenta e o sal, e fui aprendendo, mas muitas não gostavam de eu na cozinha não. Muitos dava fora! Mas um dia eu entro! Aprendi assim, ajudando a depenar galinha... (Selma, em entrevista para a pesquisa, 2018).



Se as cozinheiras de terreiro são invisíveis para a literatura, por outro lado, são essenciais para o funcionamento da casa de santo e de seus rituais. Na tradição nagô, as filhas de santo executam a tarefa de cuidar da cozinha e da preparação das comidas sagradas, sob a supervisão da mãe ou do pai de santo. Em geral são as mulheres que executam essas tarefas. Tanto nessa última, quanto nas nações de hierarquia mais complexa e nomenclatura mais rica, ou seja, em que as cozinheiras têm um cargo, elas são escolhidas entre as filhas de santo mais velhas – tendo em vista que, segundo as explicações correntes dos membros dos terreiros, o conhecimento rico e diversificado que possuem sobre as comidas de santo, acrescido aos tabus em relação ao sangue menstrual das mulheres, exercem um papel importante nessa escolha. Além disso, há a exigência do interdito sexual. Elas precisam estar limpas, o que na linguagem ritual significa não estar menstruada e não ter tido relações sexuais. Da mesma forma que para as mulheres, há para os homens o impedimento sexual. Resguardado este, homens e mulheres estão aptos para o trabalho na cozinha.

Porém, há uma diferenciação sutil em termos de divisão sexual do trabalho em função da comida a ser preparada. Existem dois tipos de comidas na religião. As comidas “secas”, ou seja, as que não são de sacrifício, oferecidas a todos os que participaram no final do ritual, e as oferendas ou obrigações, denominadas de ebós⁸, quando há o sacrifício de animais para os orixás. No ebó existem dois tipos de comidas oferecidas: as comidas secas e as comidas fruto do sacrifício votivo. As oferendas alimentares aos deuses e o consumo público dos alimentos são momentos diferenciados do ritual (assim como a preparação desses dois tipos de comida): uma é ritualística e a outra é profana (SOUZA JÚNIOR, 2009).

Na cozinha sagrada, aquela destinada às oferendas de sangue aos deuses, quando é feito o sacrifício, os homens são responsáveis pelo sacrifício e pelo corte de bichos de quatro patas para as oferendas. Da mesma forma, a lida com o comércio da carne e do peixe sempre foi, “no contexto do Recife do passado e no contexto africano atual um demarcador de papéis sexuais” (SILVA, 2011, p. 13). Na África, tratar da carne está associado aos homens “que são criadores de gados bovinos, caçadores e mestres da faca em rituais que lidam com sangue [...]” (ibid.). Essa é uma função de forte valor social, considerando-se que é a atividade que se comunica diretamente com as divindades e é realizada exclusivamente pelos homens (KERGOAT, 2009).

Nas atividades de preparação das comidas secas, ou seja, aquelas que não são de sacrifício, é possível também encontrar homens nas atividades de cozinha. No entanto, essas atividades são essencialmente femininas, no sentido de que destinam às mulheres as tarefas que, na nossa sociedade, são consideradas da mulher, tais como:

8 Oferendas aos deuses. Os Ebós, por sua vez, podem ser secos que são os vegetais, grãos, bebidas, e o quente, que envolve o sacrifício votivo, isto é, sacrifício de animais para os orixás.



cuidar de todos os trabalhos domésticos da casa, preparar banhos, limpar a cozinha, arrumar o ambiente e cuidar das crianças. Essas atividades são consideradas como “obrigação” das filhas de santo para com o terreiro.

Portanto, há uma valorização diferenciada do trabalho de homens e mulheres na preparação da comida sagrada, uma vez que a comunicação direta com os orixás é uma atividade de prestígio social, mas não se amplia numa subordinação do trabalho feminino ao trabalho masculino. Não há exploração e opressão de um pelo outro, pois há outro marcador de papéis no candomblé: a geração.

Oyèwùmí (2017) argumenta que a família nuclear fornece o fundamento para as teorias de gênero. No entanto, ela é uma forma especificamente europeia generificada, centrada na mulher subordinada, no marido patriarcal e nos(as) filhos(as), de forma que as distinções de gênero são fundadoras das relações. Por outro lado, o feminino que se enraíza nesse tipo de família reduz mulher à esposa, sendo o matrimônio a relação nuclear de solidariedade ou antagonismo. Ao contrário, na sociedade ioruba, gênero não é a principal identificação da família. A família nuclear é alienígena e, em muitas culturas africanas, a maternidade é definida como relação de descendência e não como uma relação sexual com o homem. Dessa forma, a

organização familiar ioruba é não generificada porque os papéis de parentesco e categorias não são diferenciados por gênero. [...] o princípio organizador fundamental no seio da família é antiguidade baseada na idade relativa, e não de gênero. A antiguidade é a classificação das pessoas com base em suas idades cronológicas [...] (Oyèwùmí, 2017, p. 6).

A geração, assim, é o eixo estruturador da família ioruba africana. Ou melhor: gênero não é o único marcador de diferenças.

De acordo com Motta (1982, p. 2), o candomblé em Recife é “bom para organizar”, considerando que se estrutura por laços pessoais – que se expressam “através da linguagem das relações da família [...]” – e que se estabelece segundo uma hierarquia assentada no parentesco sagrado. Nas palavras de Motta (1982, p. 152), “o laço essencial da organização do Xangô é realmente vertical e diádico, unindo sacerdote ao devoto”. Os laços pessoais verticalizados formam a substância da organização dos cultos. Da mesma forma, na preparação da comida de terreiro, a relação entre o(a) especialista e o(a) aprendiz é a base da relação social, e não a oposição entre homem e mulher. Não há uma relação hierarquizada fixa e constante de gênero na preparação dos alimentos. A divisão sexual do trabalho existe, no entanto, é flexibilizada, a depender da situação: ritual sagrado ou profano, pureza ritual, etc. A divisão social entre gerações define também as atribuições na cozinha. Levando em conta o fato de se tratar de uma culinária de aprendizagem oral, estabelece-se uma relação entre o(a) aprendiz e o(a) sábio(a) que domina o conhecimento das comidas de san-



to. É uma relação de aprendizado para o trabalho religioso entre a geração mais velha e a geração mais nova.

Como afirmamos acima, as devotas cuidam do terreiro sob o olhar da mãe e/ou do pai de santo. Essas atividades são consideradas como “obrigação” das filhas de santo com o terreiro. Nas palavras de Motta (1982, p. 150): “Todos os atos de culto do Xangô podem ser resumidos sob o conceito de obrigação, que assume concretude dificilmente imaginável para as pessoas acostumadas às religiões ocidentais. O Xangô constitui religião praticada entre sangue, suor e cansaço”. E a obrigação principal é a preparação das comidas sagradas para o sacrifício aos deuses. Agregada a isso, a comida profana é repartida para a comunidade.

Equiparamos a “obrigação” das devotas de cuidar do terreiro ao trabalho doméstico para o lar, os ditos serviços ou afazeres domésticos. Esses últimos dizem respeito à arrumação da casa, ao trabalho de lavar e passar roupas, à cozinha e à manutenção da casa como um todo e das crianças. De maneira geral, é um trabalho que se funda na disponibilidade contínua das mulheres à sua família. Assim, os afazeres domésticos são conjuntos de tarefas vinculadas aos cuidados prestados às pessoas, em geral compreendidas na família – lar conjugal ou parentela –, um trabalho gratuito desempenhado pelas mulheres. Dentre estas atividades, a mais lembrada é cozinhar, devido às associações que existem entre comida e afetividade (HIRATA, 2007; HIRATA; ZARIFIAN, 2009; FOUGEYROLLAS-SCHWEBEL, 2009; PRADO, 1979; MELO; CONSIDERA, 2013).

A faina doméstica para o lar é a disponibilidade de serviço gratuito dada pela esposa/mãe/mulher à família. Há uma naturalização dessa disponibilidade como sendo necessariamente feminina. Muitas vezes essa atividade é “invisível” aos olhos do grupo familiar. Geralmente ela é constituída por uma sobrecarga de horas despendidas pela mulher, pois exige dedicação contínua de tempo e presença em tempo integral. A contribuição nos afazeres domésticos por pais e filhos é considerada “ajuda” à mãe/esposa, mas a obrigação principal e a manutenção dos serviços dependem dela. No entanto, há uma desvalorização da atividade, apesar do altruísmo implicado na execução, pois é pensada como “amor” e “obrigação” da mulher.

O trabalho doméstico não remunerado é marcado pela desigualdade de gênero e se amplia na sociedade quando se conjuga a questão de raça. Segundo o Ipea (2011) e Xavier e Werneck (2013),

o trabalho doméstico não remunerado constitui sobrecarga adicional de horas de trabalho despendidas por mulheres e homens de diferentes grupos raciais, penetrado pelas iniquidades presentes na sociedade em relação aos papéis raciais e de gênero. Segundo o estudo, o trabalho doméstico não remunerado realizado por mulheres no mercado de trabalho era exercido por 91% das mulheres negras ocupadas, que utilizavam 22 horas



semanais para isso em 2009. Enquanto os homens negros eram apenas 48,5% dos ocupados e utilizavam somente 9,8 horas com esses afazeres. Entre a população branca, as mulheres correspondiam a 88,1% e os homens 50,6% e utilizavam 20,3% horas e 9,1 horas semanais respectivamente (XAVIER; WERNECK, 2013, p. 271).

Para aquelas mulheres que trabalham fora, ele é vivenciado com pesar, pois elas têm que se dividir entre os afazeres domésticos e a vida profissional; para aquelas exclusivamente donas de casa, é vivenciado como trabalho exaustivo que provoca desvalorização de si mesma (SILVA, 2013; XAVIER; WERNECK, 2013; MELO; CONSIDERA, 2013; PRADO, 1979; MELO; THOMÉ, 2018).

Assim como os afazeres domésticos da casa são atividades de cuidado realizadas no âmbito da família e da parentela, que exigem uma disponibilidade constante, o trabalho doméstico no terreiro é um “trabalho gratuito desempenhado pelas mulheres” (FOUGEYROLLAS-SCHWEBEL, 2009).

O trabalho doméstico para o terreiro é semelhante aos afazeres domésticos no lar. Ele consiste em cuidar do terreiro em geral. Limpar, lavar, arrumar e principalmente cozinhar. E, igualmente aos afazeres domésticos no lar, ele exige uma sobrecarga de trabalho na sua realização, uma vez que, além da jornada do trabalho remunerado e dos afazeres do lar, são acrescentados os trabalhos domésticos doados ao terreiro. Podemos então falar de uma tripla jornada de trabalho para a mulher de terreiro⁹. Perguntada sobre horários para cumprir as “obrigações” no terreiro, Selma afirma:

Eu botava pra cozinhar e eu trabalhava a noite todinha. Dava dois dias com duas noites. Três noites, três dias (risos) [...] às vezes eu venho aqui e faço várias atividades, tendo pra fazer eu faço. [...] tás pensando que quando eu chego em casa que eu vou dormir, é? Vou fazer as coisas em casa, vou fazer almoço, vou varrer casa, boto as roupas do santo no sabão, é fia eu só durmo de noite, aí quando dá seis horas, eu estou um bagaço (Selma, 2018).

Em contraste com o afazer doméstico para o lar, no candomblé, as mulheres sabem que ao final vão beber, vão comer, vão brincar e dançar, assim como sua família de orientação e toda a comunidade de santo (MOTTA, 1982). O afazer doméstico realizado no terreiro é trabalho voluntário. Ele sobrecarrega a mulher enquanto dona de casa e trabalhadora, obrigando-a, nas ocasiões rituais, a uma jornada tripla de trabalho. Nesse sentido, a preferência pelas mulheres mais velhas é compreensível

9 As cerimônias religiosas de matriz africana se realizam geralmente durante a noite e a madrugada. O que dá margem para acusações de perturbação do sossego. Durante a pesquisa, um pai de santo de um dos terreiros pesquisados era réu num processo movido por um vizinho. Percebemos uma tendência atual das cerimônias iniciarem ao final da tarde e finalizarem até as 10 horas da noite. Em parte, devido à legislação que estabelece restrições ao barulho e também a problemas de transporte dos adeptos e os perigos da violência na cidade.



vel, levando-se em conta o fato de que, muitas vezes, são desobrigadas das tarefas domésticas realizadas no lar e fora dele.

No entanto, diferentemente do lar, como já dito anteriormente, os trabalhos domésticos no terreiro são voluntários. É trabalho doado à comunidade de crença. É expresso como atividade de devoção. É a doação do serviço para o sagrado e a comunidade. Embora ele seja a continuidade dos afazeres domésticos e do trabalho remunerado, o trabalho doado ao terreiro é diferente da rotina de casa – porque proporciona sociabilidade mais ampla e acolhimento espiritual. É a participação voluntária para a vida coletiva do terreiro. Diferentemente do trabalho doméstico não remunerado, ele é vivenciado com contentamento e satisfação. Nas palavras de Selma:

É porque eu me sinto uma pessoa assim... uma pessoa feliz. Trabalhando na cozinha dos orixás, entendeu? Qualquer entidade: pode ser Jurema, pode ser pra Exu, pode ser pra caboclo. Pode ser pra qualquer entidade. Me jogou na cozinha, me entregue tudo que ela tem direito, pra eu preparar a cozinha que eu entro de dentro e faço bem feito. (risos) É muitos anos, poxa, eu trabalho aqui, muitas mães de santo, agora muitas se foram, é Juliana só pra resolver as coisas, aí uma tem que entrar de cabeça... [...] Tal dia eu chego, depois que sai desse corte, pra mim parece que aquilo me consagrou, eu entro na cozinha de cabeça erguida, entendeu? Gosto de uma garrafa de café, quando é de fumo, eu fumo, quando é pra Orixá, eu saio, dou uns dez minutos, depois lavo a mãos (Selma, em entrevista para a pesquisa, 2018).

O trabalho doméstico no terreiro não é visto com sofrimento e desvalorização, apesar de as cozinheiras não receberem remuneração e de não trabalharem para suas famílias somente. A esse respeito, Maria nos diz: “Gosto, e parece que, estando na cozinha, num instante minha comida sai, parece que Xangô ajuda”. Diferentemente do trabalho doméstico no lar (onde o estado de disponibilidade permanente é sentido como negativo) e do trabalho doméstico remunerado (onde pesa a memória da escravidão), o trabalho doméstico doado ao terreiro evoca sentimentos de pertencimento social e espiritual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A divisão sexual do trabalho no candomblé se revela principalmente na preparação das oferendas de sacrifício aos orixás. Esta é uma atividade de alto valor simbólico e cabe aos homens executá-la. Nesse sentido, o gênero está inscrito no sistema religioso afro-brasileiro e orienta suas práticas. Mas não é o único marcador: a geração também tem presença na gestão da comida sagrada.

Assim, encontramos uma divisão entre trabalho de homens e trabalho de mulheres, mas ela não se amplia para a exploração e opressão da mesma forma que a



encontramos nos afazeres domésticos para o lar e nos trabalhos domésticos remunerados na sociedade. A cultura, nesse contexto específico, modela a divisão sexual do trabalho oferecendo um sentido diferente ao trabalho feminino.

O trabalho das cozinheiras de terreiro é trabalho doméstico voluntário. É trabalho doado ao sagrado. Diferentemente dos afazeres do lar ou do trabalho doméstico remunerado, ele não tem raiz na ideia de sofrimento e de opressão. Pelo contrário, ele é vivenciado como algo diferente da exploração econômica do serviço doméstico remunerado e da imposição do trabalho no lar.

O trabalho doméstico voluntário cria outro valor, não monetário. Não visa ao lucro, nem é visto como exploração. Ele tem foco na sociabilidade e no bem-estar da coletividade. É a doação do trabalho aos deuses e à sociedade. Ele é uma resposta criativa num contexto específico à interseccionalidade de discriminação de gênero, raça e classe no mercado de trabalho e revela um modelo de conciliação das tarefas femininas desenvolvidas por mulheres negras. Se, por um lado, a interseccionalidade da situação social da mulher negra limita-lhe as chances na sociedade, por outro, nos terreiros de candomblé, ela é uma forma alternativa de resistência simbólica coletiva à exploração do trabalho.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco (FACEPE), entidade do Governo do Estado de Pernambuco voltada ao fomento de pesquisa e ao desenvolvimento tecnológico do Estado.



REFERÊNCIAS

- BASTIDE, Roger. **O candomblé da Bahia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- CAMPOS, Zuleica D. P. **O terreiro de Obá Ogunté: parentesco, sucessão e poder**. 1994. 156 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1994.
- CARNEIRO, Edison. **Candomblés da Bahia**. 9ª ed. São Paulo: WMF/Martins Fontes, 2008.
- COSTA, Valéria Gomes. **É do dendê! História e memórias urbanas da nação Xambá no Recife (1905-1992)**. São Paulo: Annablume, 2009.
- CRENSHAW, Kimberlé. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. **Ação educativa** (online), São Paulo, [2012?]. Não paginado. Disponível em: <<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/09/Kimberle-Crenshaw.pdf>>. Acesso em: 6 ago. 2018.
- DIAS, Maria Odila da Silva. Nas *fímbrias da* escravidão urbana: negras de tabuleiro e de ganho. **Revista Estudos Econômicos**, São Paulo, n. 15, p. 89-109, 1985. ISSN - 0101-4161.
- FIGUEREDO, Luciano Raposo de Almeida; MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Melo. Quitandas e quitutes. Um estudo sobre rebeldia e transgressão femininas numa sociedade colonial. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 54, p. 50-61, agosto, 1985. ISSN 1980-5314.
- FOUGEYROLLAS-SCHWEBEL, Dominique. Trabajo doméstico. In: HIRATA, Helena et.al (org.). **Diccionario Crítico del Feminismo**. Madri: Síntese, 2009.
- FREGONEZE, Josmara B.; COSTA, Marlene Jesus da; SOUZA, Nancy de. **Cozinhando história: receitas, histórias e mitos de pratos afro-brasileiros**. Salvador: FPV, 2015.
- FREYRE, Gilberto. **Casa grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime patriarcal**. São Paulo: Global, 2003.
- GOLDEMBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- HIRATA, Helena; KERGOAT, Daniele. Gênero, classe e raça. Interseccionalidade e substancialidade das relações sociais. **Tempo Social**, São Paulo, v. 26, n. 1, junho, 2014. p. 1-73. ISSN 0103-2070.
- HIRATA, Helena. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 37. n. 132. p. 595-609, set./ dez. 2007. ISSN 1980-5314.
- HIRATA, Helena; ZARIFIAN, Philippe. Trabajo (concepto de). In: HIRATA, Helena et al. **Diccionario Crítico del Feminismo**. Madri: Síntese, 2009.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Estatísticas de gênero**. Uma análise dos resultados do Censo Demográfico de 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2014. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv88941.pdf>>. Acesso em: 29 jul. 2014.



INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios Contínua**: outras formas de trabalho 2019. Outras formas de trabalho. Rio de Janeiro: IBGE, 2020. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101722_informativo.pdf>. Acesso em: 28/set/2019.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (Ipea), **Situação Atual das Trabalhadoras Domésticas no País**. Comunicado n. 90 do Ipea. Brasília, maio de 2011. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=8278>. Acesso em: 25 jul. 2018.

KERGOAT, Danièle. O cuidado e a imbricação das relações sociais. In: ABREU, Alice Rangel; HIRATA, Helena; LOMBARDI, Maria Rosa (org.). São Paulo: Boitempo, 2016. p. 17-26.

KERGOAT, Danièle. División sexual del Trabajo y Relaciones Sociales entre los Sexos. In: HIRATA, Helena et al. **Diccionario Crítico del Feminismo**. Madri: Síntese, 2009.

MELO, Hildete Pereira; CONSIDERA, Cláudio Monteiro; SABBATO, Alberto di. **10 anos de mensuração dos afazeres domésticos no Brasil**. Rio de Janeiro: [s. e.], [2013?]. 14 p. Disponível em: <<http://www.spm.gov.br/area-imprensa/documentos-1/versaoartigo-pibafazeresdomesticossitespm.pdf>> Acesso em: 15 mar. 2013.

MELO, Hildete Pereira; THOMÉ, Débora. **Mulheres e poder**. Histórias, ideias e indicadores. Rio de Janeiro: FGV, 2018.

MENEZES, Lia. **As Yalorixás do Recife**. Recife: FUNDARPE, 2005.

MOTTA, Roberto. Comida, família, dança e transe (sugestões para o estudo do Xangô). **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 25, p. 147-157, 1982. ISSN- 0034-7701.

NOGUEIRA, Maria Julia Reis; JACINO, Hakon. A mulher negra e as desigualdades no mundo do trabalho. In: VENTURI, Gustavo; GODINHO, Tatau (org.). **Mulheres brasileiras e gênero nos espaços público e privado**: uma década de mudanças na opinião pública. São Paulo: SESC, 2013.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do antropólogo**. São Paulo: UNESP, 2010.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónkẹ́ . Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. Tradução de Juliana Araújo Lopes. **Filosofia africana** (online, s. l.), p. 1-10, 2017. Disponível em: <https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/oy%C3%A8r%C3%B3nk%C3%A9_oy%C4%9Bw%C3%B9m%C3%AD_-_conceitualizando_o_g%C3%AAnero._os_fundamentos_euroc%C3%AAntrico_dos_conceitos_feministas_e_o_desafio_das_epistemologias_africanas.pdf>. Acesso em: 12 mai. 2017.

PAULA, Arlete Rodrigues Vieira de. **A cozinha no candomblé**: espaço sagrado (online, s. d., s. l.). Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/306561319/A-Cozinha-No-Candomble>> Acesso em: 3 mar. 2017.

PRADO, Danda. **Ser esposa**: a mais antiga profissão. São Paulo: Brasiliense, 1979.

QUERINO, Manuel. **A arte culinária na Bahia**. Bahia: Livraria Progresso Editora, 1957.

RAMOS, Artur. **Culturas negras no novo mundo**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Companhia



Editora Nacional, 1946.

RODRIGUES, Nina. **O animismo fetichista dos negros bahianos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1935.

SILVA, Maciel Henrique. **Pretas de honra: vida e trabalho de domésticas e vendedoras no Recife do século XIX (1840 – 1870)**. Salvador: EDUFBA, 2011.

SILVA, Nadija C. D. da; CAMPOS, Zuleica D. P. O feminino nos terreiros de Xangô: um estudo de gênero. In: COLÓQUIO DE HISTÓRIA, 4., 2010, Recife. **Anais...** Recife: Unicap, 2010. p. 285-295. Disponível em: <<http://www.unicap.br/coloiodehistoria/wp-content/uploads/2013/11/4Col-p.285.pdf>><http://www.unicap.br/coloiodehistoria/wp-content/uploads/2013/11/4Col-p.285.pdf>>. Acesso em: 3 abr. 2023.

SILVA, Nilza Iraci. As mulheres negras e as formas de indicadores sensíveis. In: VENTURI, Gustavo; GODINHO, Tatau (org.). **Mulheres brasileiras e gênero nos espaços público e privado: uma década de mudanças na opinião pública**. São Paulo: SESC, 2013.

SOUZA, Andréa Carla M. de; CARDOSO, Maria Grazia C. **Orixás à mesa em Recife e Olinda**. Recife: Top, 2011.

SOUZA JÚNIOR, Vilson C. de. **O banquete sagrado: notas sobre os “de comer” em terreiros de Candomblé**. Salvador: Atalho, 2009.

VERGER, Pierre. **A contribuição especial das mulheres no Candomblé**. Culturas Africanas. UNESCO: Maranhão, 1986.

VIANNA, Hildegardes. **A Bahia já foi assim**. Salvador: Itapuã, 1973.

XAVIER, Lúcia; WERNECK, Jurema. Mulheres e trabalho: o que mudou para as mulheres negras no mercado de trabalho? In: VENTURI, Gustavo; GODINHO, Tatau (org.). **Mulheres brasileiras e gênero nos espaços público e privado: uma década de mudanças na opinião pública**. São Paulo: SESC, 2013.

Recebido em: 05/12/2022
Aprovado para publicação em: 03/04/2023

